

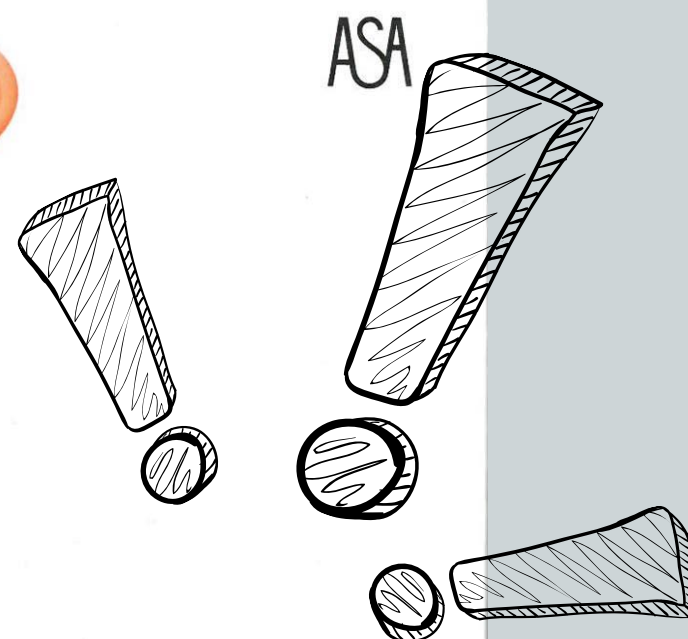
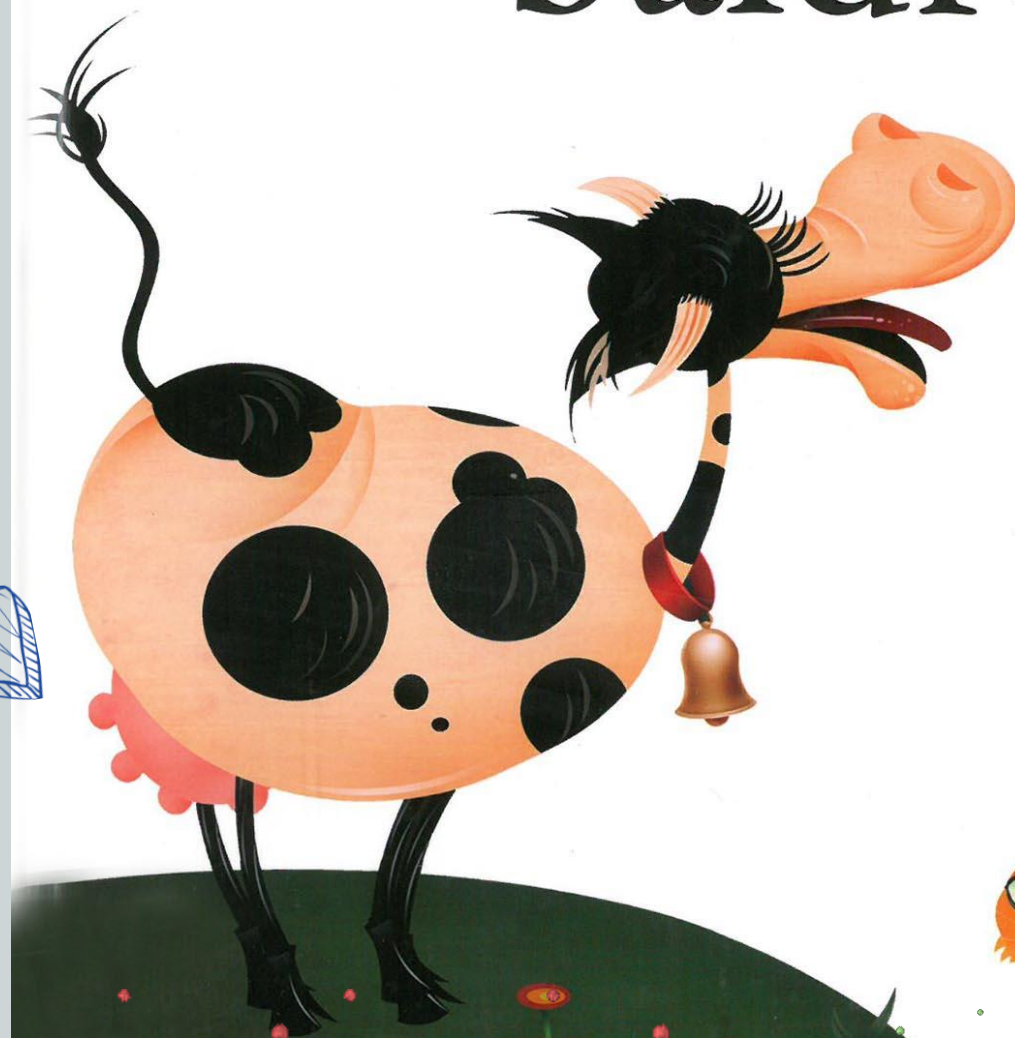
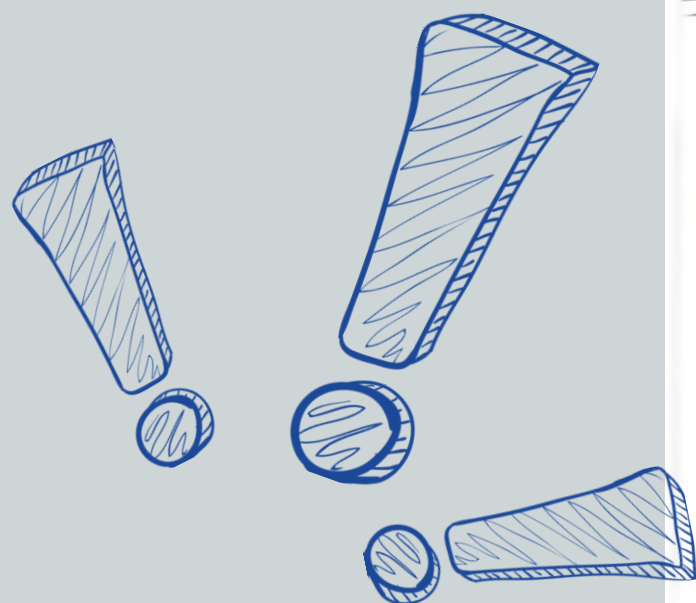
CONTOS TRADICIONAIS

LER⁺
PLANO NACIONAL
DE LEITURA

António Mota

Ilustrações de
Júlio Vanzeler

Trocas e baldrocas



Trocas e baldrocas

António Mota

Ilustrações de Júlio Vanzeler

Título: Trocas e baldrocas
Texto: António Mota
Ilustrações: Júlio Vanzeler
© 2017, Edições ASA II, S.A.

Impressão e acabamento: CEM, Artes Gráficas, S.A.

1ª edição na ASA: janeiro de 2017

*[Esta obra foi originalmente publicada por Edições Gailivro
em 2009, com o ISBN 978-989-557-567-1,
tendo tido 1 edição.]*

Depósito legal nº 418429/16

ISBN 978-989-23-3730-2

Reservados todos os direitos

Edições ASA II, S.A.

Uma editora do Grupo LeYa

Rua Cidade de Córdoba, nº 2

2610-038 Alfragide – Portugal

Telef.: (+351) 214 272 200

Fax: (+351) 214 272 201

edicoes@asa.pt

www.asa.pt

www.leya.com



ASA



Era uma vez um gato vadio
que comia o que encontrava. Umas
vezes andava de barriga cheia,
outras com ela a chocalhar. Dormia
onde calhava, umas vezes abrigado
da chuva, do frio e do vento; outras,
enroscado e a fungar por causa do
vento, da chuva e do frio.

Em certos dias tinha companhia
e andava feliz, noutros andava
sozinho e aborrecido com o peso
bem pesado da solidão.

Uma vez, farto de esperar por
um pequeno e experiente rato do
monte que se tinha escondido num
buraco muito estreito, o gato viu
uma vaca no meio de um prado
sem erva.



Era uma vaca malhada, e como não tinha nada para rapar, olhava para o céu e não parava de mugir. Era um mugido muito triste, *mu, mu*, tão triste que arranhava o coração de todos os bichos que o ouviam, *mu, mu*, até do gato, que não gostava nada de sentir arranhadelas no coração.

A vaca mugia assim porque o dono tinha vendido a sua filha a um comerciante de gado. A vaca mugia porque era uma mãe destroçada.

Pensava o gato nestas coisas que acontecem no mundo, quando uma raposa nova, que por ali andava à procura de comida, se aproximou e perguntou:

– Em que pensas, gato?

– Nas maldades do mundo. E em que pensas tu, raposa? – perguntou o gato.





— Penso numa galinha gorda
— riuiu-se a raposa, mostrando a
dente branca.

Como o tempo passava e não apareciam galinhas para apanhar, nem nada a que pudesse deitar o dente, a raposa resolveu fazer uma aposta com o gato.

– Queres apostar em como eu chego primeiro que tu ao pé daquela árvore grande que está ao cimo do prado?

– Já apostei e já comecei! – gritou o gato, depois de desatar a correr, ficando bem distanciado da raposa.

A raposa não gostou nada da partida do gato e começou a correr mais depressa que os aviões na pista antes de levantarem voo. E tanto correu, tanto se aplicou, que, pouco depois, estava a bater com a ponta da cauda na árvore grande.





Era uma árvore tão grande, tão velha e tão imponente, que lá iam cear e dormir mais de quinhentos melros (que, para quem não sabe, são uns pássaros que se vestem sempre de preto, usam bico amarelo e assobiam melodias maravilhosas, antes de vir a noite e logo que clareia o dia).

Estava a raposa encostada à árvore, ainda com o coração aos pulos, quando o gato, aborrecidíssimo por ter ficado em segundo lugar, aparecendo sem fazer barulho, se encostou à raposa e lhe arrancou o rabo. Aquele rabo, muito felpudo, muito laranjinha, muito comprido e farfalhudo, era o seu orgulho.

Tristíssima, a raposa pediu ao gato:

– Ó gato, dá-me o rabo para eu ficar elegante. Assim não tenho valor nenhum.

O gato pôs-se a mexer no bigode e a caminhar, dez passinhos para a direita, dez passinhos para a esquerda, dez passinhos para a direita, dez passinhos para a esquerda, dez passinhos para a direita, dez passinhos para a esquerda.

– Ó gato, dá-me o rabo!



E o gato
continuava
a caminhar.
Dez passinhos
para a direita, dez
passinhos para a
esquerda, dez passinhos
para a direita, dez
passinhos para a esquerda.

Depois de muito pensar,
o gato parou e disse:
– Está bem. Dou-te o rabo
se me deres leite.

A raposa não meteu o rabo entre as pernas, porque já não
o tinha, e lá foi de focinho colado ao chão, à procura de leite.

A whimsical illustration featuring a large cow with a massive, bulbous orange nose and a black bird perched on its back. The cow's body is a mix of orange and black. The background is a teal sky with a lightbulb icon and a lightning bolt. The ground is dark green with small red flowers. A small brown animal is visible on the right.

Chegou perto da vaca que já
conhecemos e disse-lhe com uma
vozinha de veludo:

– Ó vaca, dá-me leite
para o leite eu dar ao gato
para o gato me dar o rabo
para eu ficar elegante.

A vaca malhada, em vez de comer a
erva que tinha ali ao pé, olhava para o céu
e não parava de mugir. Era um mugido
muito triste, tão triste que arranhava o
coração de todos os bichos.

A vaca abanou a cabeça, fechou os
olhos por uns breves instantes e, depois
de muito pensar, respondeu-lhe:



– Está bem, dou-te o leite se me deres erva!

A raposa foi-se embora e, depois de muito andar, viu uma velha que andava descalça na floresta a apanhar lenha para levar para casa, para fazer fogueiras na sua lareira de pedra e assim se aquecer nas noites geladas de inverno. Disse a raposa com vozinha de veludo:

– Ó velha, dá-me erva
para a erva eu dar à vaca
para a vaca me dar leite
para o leite eu dar ao gato
para o gato me dar o rabo
para eu ficar elegante!



E a velha, depois de muito pensar, respondeu:
– Está bem. Dou-te a erva se me deres uns sapatos de tacão alto!

A raposa foi-se embora e, depois de muito andar, viu um sapateiro enfiado na sua oficina muito estreitinha, com as paredes forradas de botas, botinas, sandálias, sapatos e chinelas, uns arranjados e outros à espera de conserto.

Disse a raposa com vozinha de veludo:

*– Ó sapateiro, dá-me uns sapatos de tacão alto
para os sapatos eu dar à velha
para a velha me dar a erva
para a erva eu dar à vaca
para a vaca me dar leite
para o leite eu dar ao gato
para o gato me dar o rabo
para eu ficar elegante!*

O sapateiro, depois de muito pensar, respondeu:

– Está bem. Dou-te os sapatos se me deres cerdas, que são os pelos mais duros do porco.





A raposa foi-se embora e, depois de muito andar, encontrou um porco muito magro a fossar e a grunhir num chiqueiro.

Disse a raposa com vozinha de veludo:

– Ó porco, dá-me das tuas cerdas mais duras
para as cerdas eu dar ao sapateiro
para o sapateiro me dar os sapatos
para os sapatos eu dar à velha
para a velha me dar a erva
para a erva eu dar à vaca
para a vaca me dar leite
para o leite eu dar ao gato
para o gato me dar o rabo
para eu ficar elegante!

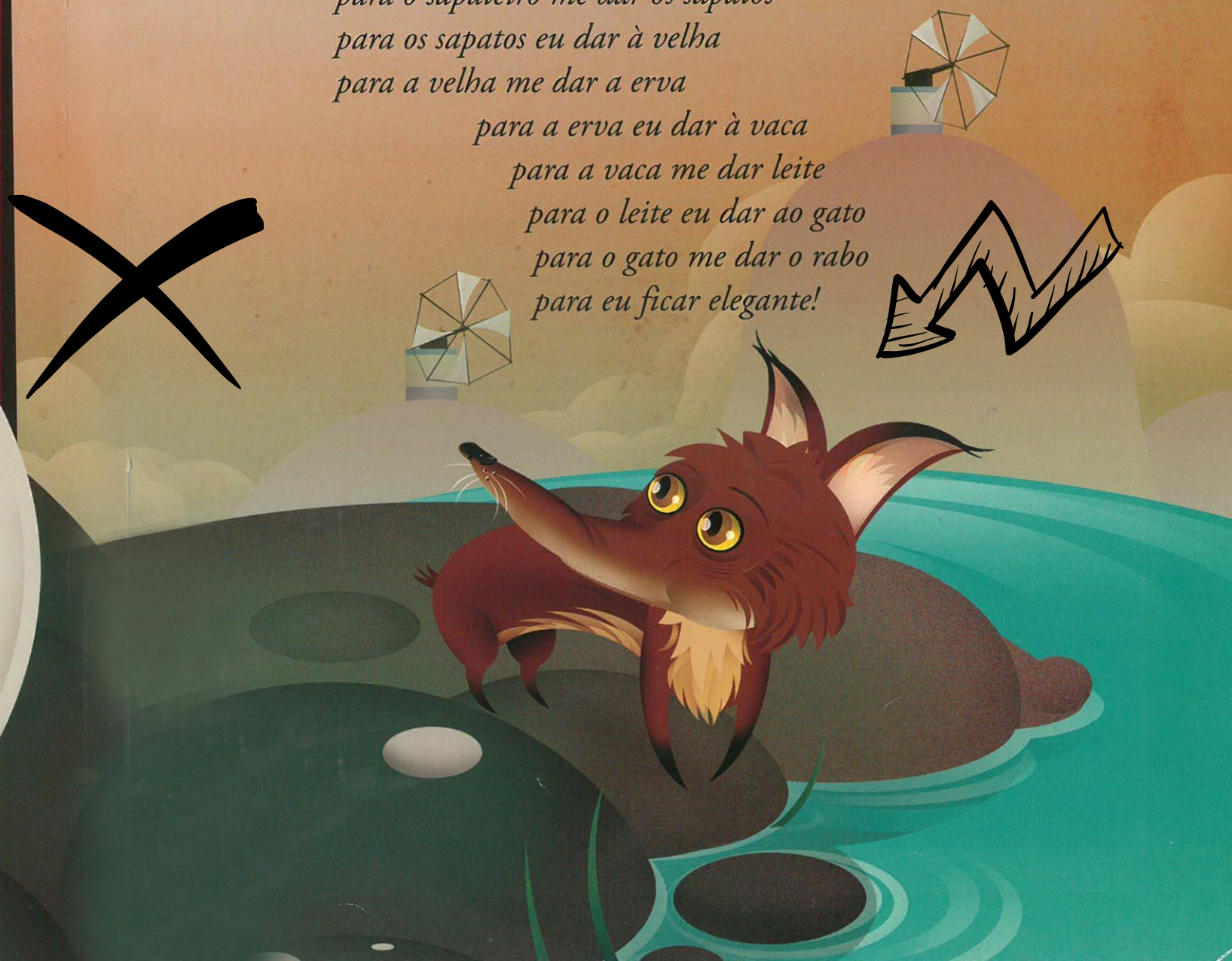




O porco, depois de muito pensar, respondeu:
– Está bem. Dou-te as cerdas se me deres farinha.
A raposa foi-se embora e, depois de muito andar,
encontrou junto de um rio um moleiro que estava a
compor a mó de pedra do seu velho moinho.

Disse a raposa com vozinha de veludo:

*– Ó moleiro, dá-me farinha
para a farinha eu dar ao porco
para o porco me dar as cerdas
para as cerdas eu dar ao sapateiro
para o sapateiro me dar os sapatos
para os sapatos eu dar à velha
para a velha me dar a erva
para a erva eu dar à vaca
para a vaca me dar leite
para o leite eu dar ao gato
para o gato me dar o rabo
para eu ficar elegante!*



O moleiro, depois de muito pensar, respondeu:

– Leva a farinha que quiseres!

Então a raposa encheu um saco de farinha e foi levá-la ao porco. O porco deu-lhe as cerdas. Ela levou as cerdas ao sapateiro e o sapateiro deu-lhe os sapatos. Ela levou os sapatos à velha e a velha deu-lhe a erva. Ela levou a erva à vaca e a vaca deu-lhe leite. Ela levou o leite ao gato e o gato deu-lhe o rabo.

Bem arrependida por se ter metido em apostas inconvenientes, a raposa pegou no rabo e ficou muito feliz por se achar elegante.

Como já era noite e ela estava cheia de larica e estafada de tantas corridas, pôs-se a caminho do covil, onde vivia sua mãe, reformada e sem dentes.

E assim, com pezinhos de veludo, acaba esta velha história de trocas e baldrocas.





António Mota é atualmente um dos autores mais lidos e premiados da Literatura Infantojuvenil portuguesa, tendo a sua bibliografia ultrapassado as oito dezenas de títulos publicados.

A sua vasta obra foi, em grande parte, selecionada pelo Plano Nacional de Leitura.

Durante mais de 35 anos, António Mota semeou histórias que alimentaram a imaginação de milhares de leitores. Colhe diariamente os frutos dessa partilha no seu site na internet e nas inúmeras visitas que faz a escolas, em todo o país.

Visita-o em:

<http://www.gailivro.pt/amota>

<http://www.facebook.com/#!/antonio.mota1>

E conversa com ele através do email:

anttoniomotta@gmail.com

Trocas e baldrocas

Era uma vez um gato vadio que comia o que encontrava. Um dia meteu-se com uma raposa e acabou por lhe arrancar o rabo... e assim começa esta história tradicional, recontada por António Mota.

Nesta coleção:

- 1 – A Galinha Medrosa
- 2 – O Sapateiro e os Anões
- 3 – O Príncipe com Cabeça de Cavalo
- 4 – Pedro Malasartes
- 5 – A Flauta Maravilhosa
- 6 – O Nabo Gigante
- 7 – A Princesa e a Serpente
- 8 – Maria Pandorca
- 9 – Os Negócios do Macaco
- 10 – João Mandrião
- 11 – A Rosa e o Rapaz do Violino
- 12 – Trocas e Baldrocas
- 13 – Clarinha
- 14 – Os Segredos dos Dragões
- 15 – O Anel Mágico

